

A rainha Ginga descrita, adjetivada e metaforizada: uma análise textual da obra *História Geral das Guerras Angolanas* de António de Oliveira de Cadornega (século XVII)

*The queen Ginga described, adjective and metaphorized: a textual analysis of the work *História Geral das Guerras Angolanas* of António de Oliveira de Cadornega (17th century)*

Priscila Maria Weber*

Palavras-chave:
História de Angola
Rainha Ginga
António de Oliveira de
Cadornega

Resumo: Este trabalho analisa o texto da obra *História Geral das Guerras Angolanas*, escrita pelo cristão-novo português António de Oliveira de Cadornega, considerando as descrições, adjetivações e metaforizações que o autor atrela à rainha Ginga em sua obra. As complexidades da história de Angola, os contextos em que Cadornega estava inserido e ajudava a delinear, ou seja, as experiências de escrita do autor que atravessam o seu texto, serão aqui consideradas enquanto elementos que corroboram para que seja construído um sentido na obra de Cadornega, ou o permanecer em Angola e livrar-se dos jugos inquisitoriais que ocorriam em Portugal. Para tanto, os serviços administrativos e bélicos são arrolados pelo autor e, na tentativa de suprimir os insucessos, a rainha Ginga é caracterizada como odiosa a Portugal, que entravava os avanços do oficialato e conquistas lusas.

Keywords:
History of Angola
queen Ginga
António de Oliveira de
Cadornega

Abstract: This paper analyses the text of the work *História Geral das Guerras Angolanas*, written by the Portuguese New-Christian António de Oliveira de Cadornega, considering the descriptions, adjectives and metaphorizations that the author attaches to queen Ginga in his work. The complexities of the history of Angola, the contexts in which Cadornega was inserted and helped to outline, that is, the author's writing experiences that cross through his text, will be considered here as elements that acknowledge the construction of a meaning from Cadornega's work, or the fact that he stayed in Angola to escape from the Inquisition's subjections that occurred in Portugal. Therefore, the military and administrative services are listed by the author and, in an attempt to eliminate the failures, the queen Ginga is characterized as hateful to Portugal, making it hard for the advancement of Portuguese conquests and officialities.

Recebido em 31 de maio de 2020. Aprovado em 04 de novembro de 2020.

Nesse trabalho realizaremos uma análise textual da obra *História Geral das Guerras Angolanas*, escrita entre 1670 e 1681, em Luanda, pelo cristão-novo português António de Oliveira de Cadornega. Através de descrições da rainha Ginga¹, uma personagem que é central na obra do autor e também na história de Angola seiscentista. Observaremos as adjetivações, por vezes

ambivalentes, e metaforizações que Cadornega utiliza para caracterizar a rainha e corroborar um sentido para a escrita da HGGA². Os contextos e experiências de escrita do autor foram amplamente considerados, possibilitando que percebêssemos os insucessos bélicos e instabilidades das relações entre europeus e africanos através do modo como Ginga é descrita.

* Graduada em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Mestre e doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil), com estágio de doutorado-sanduíche na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal). É membro fundadora e coordenadora do GT África – Seção Rio Grande do Sul (ANPUHS), e pesquisadora de Pós-doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo. E-mail: priscilamariaweber@gmail.com

António de Oliveira de Cadornega foi um cristão-novo português que embarcou em 1639 em Lisboa, rumando para Angola com apenas 15 anos de idade e um ofício de soldado comprado junto a casa dinástica dos Bragança³. Chegou em Luanda acompanhando o governador Pedro César de Meneses, mas em virtude das ofensivas holandesas foi direto para Massangano e por lá ficou por quase 30 anos (DEMARET, 2011, p. 110)⁴. Angariou diversos cargos e títulos, como vereador e juiz ordinário e, quando chegou em Luanda, ao saber que sua família tinha sido desmantelada pela inquisição, começou a escrever a obra HGGA (WEBER, 2018, p. 68)⁵.

Cadornega, que já estava inserido em uma elite luandense, com posições políticas, como se observa através dos cargos que angariou e, também, por ter se inserido no mercadejo de escravaria, não desejava retornar a Portugal e arriscar perder todas essas posições, tampouco ser exposto as perseguições e jugos inquisitoriais que sua descendência cristã-nova impunha (HEINTZE, 2007, p. 138). Logo, há um sentido na escrita da obra de Oliveira de Cadornega: o permanecer em Luanda através do forjar de um sentimento de fidelidade à casa dos Bragança, por meio do arrolar dos serviços prestados pela sua família desde a geração do seu avô e, a partir desses serviços, descrever os sucessos bélicos portugueses e o quão estes se faziam importantes para a coroa lusa (WEBER, 2018, p. 244).

A obra HGGA é considerada pela historiografia que trabalha com Angola e Congo seiscentista uma fonte documental indispensável. Há inúmeros trabalhos de africanistas como John Thornton⁶, Joseph Miller⁷, Selma Pantoja⁸, Marina de Mello e Souza⁹, Alberto da Costa e Silva¹⁰, Beatrix Heintze¹¹, para apenas citar alguns, que utilizam em suas análises a obra de Oliveira de Cadornega. A rainha Ginga, vale dizer, uma das personagens centrais da obra HGGA, resistiu por quarenta anos as investidas portuguesas, fazendo e desfazendo acordos conforme seus interesses, por vezes comerciando e tratando com os sobas a revelia da coroa lusa. Compreender quem foi Ginga, é compreender sobre as guerras e sobre a história de Angola no século XVII¹².

Observaremos nesse trabalho que o autor cria uma realidade textual para suprimir

os insucessos portugueses, ou seja, as falhas administrativas, as batalhas perdidas, e a demora em adentrar nos territórios angolanos e realizar a conquista para Portugal. Para tanto, Cadornega cria uma rainha Ginga odiosa, que entrava os serviços do oficialato português. Ele a descreve, caracteriza, metaforiza com adjetivações que se movem dentro do texto, e exprimem as inconstâncias das relações entre europeus e sobas, mas também as complexidades da história de Angola nos seiscentos.

Ora aliada, ora inimiga, as descrições sobre a rainha Ginga na obra HGGA trazem uma semantização ambígua e, para visibilização e análise dessas descrições, utilizamos uma amostragem que contempla os termos “valor”, “valorosa(o)”, “valeroza(o)”, “pezar” e “pezarosa(o)”, palavras que consideramos chaves, definidoras da compreensão do sentido que Cadornega atrela a sua obra e, ainda, fazem parte de um esforço do autor em traduzir à corte Bragantina o contexto que estava inserido, as realidades, experiências de escrita que o atravessavam. Já na dedicatória da obra HGGA que é atribuída a D. Pedro II, o autor expressa a sua preocupação em traduzir a corte Bragantina e aos leitores as realidades que vivia (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. I).

Uma rainha ativa, ardilosa, imortal e estadista

A rainha Ginga, personagem principal da obra *História Geral das Guerras Angolanas* é descrita de forma recorrente nas quase duas mil páginas que compõe o texto de Oliveira de Cadornega. Como características introdutórias, o autor expõe a resistência ao domínio colonial português por quarenta anos, de 1623 a 1663. Sobre o nascimento da mesma, o autor grafa que teria ocorrido no Dongo, em período concomitante com a chegada dos portugueses em Angola. Filha de Ginga Mbandi Ngola Kiluanji, rei do Dongo, a parte Imbundo de sua progênie advinha de sua mãe por herança seu tataravô (BIRMINGHAM, 1977, p. 538; THORNTON, 2006, p. 437–60)¹³. Esses dados que condizem com sua falta de matrilinhagem, foram

aproveitados pelo escritor para traçar a altivez e o traquejo político da rainha.¹⁴

“Fallecido o Rey de Angola Ambandi logo se oppoz a Irmãa mais velha que tinha e tomou o nome de Ginga, imitando no nome aquelles poderosos do que fallamos que tinhamo aquelle nome, ao governado do Reino de Angola que era o que tanto dezejava a qual logo seguiu a sua voz o Reino todo, obedecendo-a por Senhora, e evendo que o filho do Irmão lhe podia servir de impedimento ao perpetuarse no Reino de Angola que era todo o seu dezejo, austociozamente se amigou, ou abarregou com o Jaga Caza tutor do Príncipe seu Sobrinho e estando de dentro com elle houve o pobre inocente Príncipe a mão e o mandou afogar em o rio Coanza, como huma couza e outra contarão seus mesmos parentes, ficando com esta maldade e tirania livre de cuidado, que o Sobrinho filho de seu irmão legitimo herdeiro daquelle Reino lhe podia vir a dar, e porque desta nova Raynha, se bem cruel a seu Sangue” (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. 54, grifos meus).

A Ginga é aquela que está no discurso de Oliveira de Cadornega enquanto uma ação metaforizada em um ato perlocucionário que impacta com o objetivo de persuadir (AUSTIN, 1990, p. 89)¹⁵. Queremos com isso dizer que não bastava para Oliveira de Cadornega qualificar a rainha com adjetivações como *altiva, ardilosa, imortal e estadista*, embora a tenha descrito dessa forma tantas vezes em sua obra. Sua magnitude tinha de ser esboçada de uma forma compreensível a quem lê, ou como informa a dedicatória feita pelo autor, a D. Pedro II de Portugal, que assume o trono dois anos após o término da escrita da HGGA, ou ainda na data que supostamente a mesma teria chegado em Lisboa, no ano de 1683. Expressões que elucidassem os feitos de Ginga foram cunhadas para aproximá-las de outras rainhas e seres mitológicos, conforme podemos observar a seguir:

“Se há nesta história tratar della em muitas partes, pela continuada guerra que nos fez no discurso de tanto tempo que reinou que forão muitos annos, que parecia imortal, que se poderá

fazer grande escritura, a qual se podia comparar ou ainda preferir a Semiramis, a Pantasileja, a Cleopatra, e a outras Raynhas de que as historias nos dão noticia, governando a seus Vassalos a nossa opposição com valor e animo varonil” (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. 54, grifos meus).

A Pantasileja descrita pelo autor é a rainha das amazonas, de mesmo nome, na mitologia grega, que mata acidentalmente sua irmã Hipólita com uma lança. Apesar do desastre e ressentida, a rainha segue em batalha, pois esse era seu dever¹⁶. Já Semíramis¹⁷, dos tantos mitos que a envolvem, parece que Cadornega opta ou conhece apenas aquele que a descreve como uma rainha que abandonou a morte no deserto, visto que Ginga é comparada com a mesma logo após o autor cunhar a adjetivação de imortalidade. Cleópatra, não por acaso, antecipa as descrições referentes ao ânimo varonil da rainha, ou seja, não bastaria informar da sua disposição em liderar, era preciso impactar a sua obstinação e capacidade, tal como as atreladas a figura de Cleópatra¹⁸. Nas citações abaixo, Cadornega continua a caracterizar a rainha como amazona, ou rainha das amazonas, tal como proferiu com Pentesileia, assim como a “varonilidade” da rainha também segue nas descrições.

“[...]Havendo pello Caminho tido muitas occaziones de guerras e recontros, dispostos e ordenados por aquella valeroza Amazona, que não socegavaem buscar todos os meyoys de arruinar e desbaratar o poder Portuguez, e mais sabendo que a nossa fadiga era toda em buscala, e fazer-lhe o mesmo que nos desejava fazer: com o que foi chegando o Capitão mor com seu exercito á vista do seu Quilombo, onde começou a ver huma terrível batalha[...]” (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. 150, grifos meus).

“O mesmo traje de guerra exercitava a Raynha Ginga, Dona Anna de Souza, quando guerreava e andava em seus exércitos, entretanto nas batalhas animando os seus como outra pantasileia Rainha das Amazonas, pondose em eminência á vista dos seus para com isso os animar, e dali dispunha

dando ordem ao que havião de fazer e obrar, como o pudera fazer hum valente e entendido general” (CADORNEGA, 1972, tomo III, p. 352, grifos meus).

A Ginga maximizada, sobrepujada ou comparada a outras rainhas e seres mitológicos, suprime os insucessos bélicos portugueses. No Dongo e Matamba do século XVII, mais que batalhas ganhas, como a obra HGGA expõe em suas descrições, houve perdas, além de acordos entre europeus e africanos. Apesar das ordenações régias orientarem essas relações, a sobrevivência engendrava arranjos que se compunham como melhor convinha. Um exemplo que elucida essa afirmação são os prováveis acordos comerciais mantidos pelo próprio Cadornega, visto que era mercador de escravos e, partilhas internas pelas peças e comandos territoriais poderiam advir de pactos com os sobas africanos (ALENCASTRO, 2000, p. 76).

Se Oliveira de Cadornega viveu durante quarenta anos na África, a maior parte desse período foram vividos em Massangano (DEMARET, 2011, p. 109). Situada a 40 léguas de Luanda, essa vila era crucial para escoar os escravos preados, pois servia como um entreposto comercial entre Luanda e o interior (PARREIRA, 1989, p. 187). Essas informações embasam a argumentação que atrela ao militar o status de mercador de escravos, e também justifica suas faltas nas guerras pelos sertões angolanos, que se faziam importantes para suprir a mão de obra escrava.

Assim, as batalhas descritas na obra HGGA são narrações absorvidas através de relatos, ou ainda do acesso a documentação administrativa, como o próprio militar informa no correr de seu trabalho. Para mascarar a não atividade bélica de Cadornega, foi criado pelo autor uma rainha que atrapalhava, contaminando com ódio os aliados de Portugal, além de unir-se com os Flamengos.

[...] Visitando a nossa fortaleza de Muchima, sita na dita Província, socorrendo-a do que necessiava, alcançando por a margem daquelle espaçoso Rio grandes Vitorias até chegar a Villa da Vitoria da Mansagano

alojamento e Praça da Armas da Conquista, de onde mandou por seu capitão mor da gente de guerra Luís Ferreira Arco, fazer guerra que sempre nella havia que fazer, por se rebellar em aquelles Sobas já conquistados a vez da Raynha Ginga sua Senhora, que sempre trabalhava de os contraminar em nosso ódio fazendoos fazer movimentos e alterações, contra os quaes alcançou o dito Governador por ser Capitão mor e mais caos de guerra, Baltazar de Aragão” (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. 57, grifos meus).

“A Rainha Ginga Dona Anna de Souza mais acesa que nunca em nosso ódio, assim por antiguidade como agora próximo, a respeito do sucesso daquela sua irmã, que ella tanto queria e amava, por lhe faltar entre nós quem com tantas veras lhe fizesse os avizos de tudo o que entre os Portuguezes se passava: por estas causas mandava ao Flamengo muitas Embaixadas com grandes ofertas e dadas, persuadindoos a que acabassem com o fogo de monturo de Mansangano, que quase arruinado permanecia, de que ella tinha grandíssima pena de saber que estava em ser, fazendo perdidos que viria em pessoa com toda a sua guerra” (CADORNEGA, António 1972, tomo I, p. 541, grifos meus).

“[...] esta foi a christandade com que a Rainha vinha da Cidade de Loanda de se bautizar e se era gentia antes de ser bautizada depois de o ser obrou muito peor até já perto do fim de sua vida, depois de nos fazer cruel guerra, como se dirá a seu tempo, que sempre trabalhou por tirar o nome da nação portugueza de Angola” (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. 115, grifos meus).

A culpabilidade atrelada a rainha Ginga em desbaratar a nação portuguesa, provavelmente, foi um argumento construído para ocultar as relações supracitadas, os insucessos lusos e para reforçar o sentido da escrita da obra HGGA, ou seja, o permanecer na África. As relações históricas, ou as diversas experiências apreendidas pelo autor são o *locus* da produção do sentido, pois são mediadas por culturas, políticas e instituições, umas e

outras exercendo coerções sobre o processo de significação (ARAÚJO, 2000, p. 121). Logo, a rainha Ginga exibida como “*varonil, estadista, imortal, hábil política, cruel e valorosa*”, produz uma realidade textual em Oliveira de Cadornega.

O sentido¹⁹, inacabado nos objetos ou nas palavras, é produzido a cada ato verbal, na co-presença de sujeitos que são irrestritos a um texto. Vale esmiuçar que o conceito de sentido ou de produção de sentido é aqui compreendido como algo que pode ser semantizado através da pluralidade que há nas situações de comunicação presentes nos fenômenos históricos (LACAPRA, 2011, p. 26). Nessa perspectiva, o que realmente importa é o processo em que ocorre a produção desse sentido, ou o modo como o objeto expresso apresenta-se.

Esse objeto, no caso a obra HGGA, não significaria aquilo que literalmente é, ou seja, apenas tomos que arrolam guerras nos seiscentos, pois não haveria uma relação de imanência entre objeto e significado (FOUCAULT, 2004, p. 56). A criação de uma personagem principal que circunda todos os tomos que compõe a obra importa na escrita da HGGA não apenas como uma figura alegórica, mas como definidora de recursos semânticos engendrados discursivamente. Ou seja, a Ginga na obra de Cadornega importa para corroborar o sentido que o autor pretende atrelar a obra, ou o permanecer em Angola por merecimento, visto os anos de serviços prestados. Esses serviços só não foram mais prósperos, segundo Cadornega, em virtude de a rainha atrapalhar os feitos bélicos portugueses. Portanto, em algumas adjetivações e metaforizações presentes em excertos da HGGA, as descrições que aludem Ginga odiosa dizem mais sobre as dificuldades dos avanços portugueses do que da administração da rainha (WEBER, 2018, p. 262).

Ora inimiga, ora aliada: Ginga indeterminada semanticamente

Uma análise textual necessita ir além das observações que reduzem o texto apenas as palavras expostas rigidamente pelo autor: há uma dupla

operação, o que foi dito e como foi possível dizê-lo (PALTI, 2009, p. 16). A estrutura, os termos-chave, ou ainda as migrações dos padrões discursivos em um mesmo texto (POCOCK, 2003, p. 28), suscitam implicações de um contexto anterior para um novo, e são fundamentais para expressar significados diversos atrelados a um mesmo adjetivo (POCOCK, 2003, p. 32). Cadornega move-se em meio a esses padrões de polivalência, recombina-os de acordo com sua habilidade e adjetivando a rainha Ginga como portadora de uma personalidade forte e altiva, como muito resistente às tropas portuguesas.

As alusões a Ginga, especialmente quando Cadornega a caracteriza como “*uma belicosa mulher*” (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. 294), oscilam expondo a rainha ora de forma elogiosa, ora pejorativa. Observamos, com isso, que “*há um resto necessariamente não formulado de pensamento que a linguagem deixou na sombra, e também inversamente, pois o formulado traz em seu bojo como adormecido um conteúdo que ainda não foi pensado*” (FOUCAULT, 2004, p. 18.) Assim, há sempre um resíduo latente no significante, uma tarefa indefinida para o historiador, visto que esses resíduos estão “*soterrados*” nas inesgotáveis palavras presentes em uma obra (SAUSSURE, 1995, p. 21).

Havia constantes oscilações na política administrativa de Angola desde a chegada de Cadornega, formalmente os Filipes²⁰ ainda exerciam as funções régias. Em seguida, os flamengos se apossam do território dito luso e passam à governança. Findado o período de ocupação holandesa, a Restauração envia uma série de novos governadores que refletem a demora da casa dos Bragança em estabilizar-se²¹. Em meio a todos esses episódios, apoiando por vezes os flamengos e em outras os lusos, ou ainda lutando contra ambos, esteve a rainha Ginga. Apesar das limitações em reconstruir informações no âmago discursivo, consideramos que a oscilação nas descrições do soldado-escritor ocorria em virtude da rainha apoiar diferentes interesses e exércitos em períodos distintos. Seguem excertos que elucidam nossa argumentação, ou que criam uma rainha Ginga odiosa a Portugal.

“Há muito que havemos passado um silencio sem fazermos menção daquella **Ardiloza como Valeroza Rainha Ginga Donna Ana de Souza**, a qual depois de se apoderar do Reino de Matamba, como dito temos, com a conquista que nele havia feito, se não descuidava em fulminar trayçoens com os Sobas Vassalos Del Rey nosso senhor, fazendoos se rebelar contra a Nação Portugueza [...]” (CADORNEGA, 1972, tomo I, capítulo III, parte III, p. 293, grifos meus)

“Esta foi a substancia da Embaixada daquella **reduzida Rainha**, e a resposta que pelo governador lhe foi dada. Não lhe pareça ao curioso vai um pouco affectada, **por que esta Rainha Ginga Dona Anna de Souza era muito Estadista, e de muita altiveza**, e de Nação de Angola, que verdadeiramente é de Ambunda, de quem lhe procedia, he o gentio que mais se preza de entendido sobre todos quantos há nestes tão bastos e dilatados Reinos, e Provincias com tantas diversidades de Lingoas. E como ella mandava Embaixadores, elem da Carta de Crença, fallarão e derão sua Embaixada na sua própria língua Ambunda, que por interprete se explicava ao Governador e mais Circunstantes; e assim trazia a oração e o que havia de dizer bem estudado, e he gente esta que estará todo hum dia fallando na sua lingoa em cançar e falam as vezes tão oculto, que o mais experto na sua lingoa, filho da terra, não entende” (CADORNEGA, 1972, tomo II, parte II, capítulo II, p. 130-131, grifos meus).

Na citação seguinte, ao compararmos as expressões utilizadas no tomo I, Capítulo IV, página 54 da obra de Oliveira de Cadornega (CADORNEGA, 1972, tomo I, Capítulo IV, p. 54), observamos que embora os excertos sejam diferentes, possuem a mesma significação enquanto adjetivação empregada, isto é, uma comparação com rainhas e seres mitológicos afamados. No entanto, o uso destas adjetivações diferenciavam-se, visto que anteriormente essa comparação convinha para expressar a tamanha impertinência de Ginga e, nesse momento textual, os termos se invertem simbolizando uma espécie de redenção

da rainha que toma o batismo e proíbe os Jagas de executarem ritos de sacrifícios em funerais, além de manter amizade com os sobas aliados de Portugal. A inversão das adjetivações é reforçada com outra comparação, desta vez ao personagem bíblico Dimas, o bom ladrão que se arrepende dos seus crimes²².

“**Succedeo neste tempo morrer a Rainha Ginga Dona Anna de Souza, que parecia immortal**; muitos dos antigos Portuguezes dezejarão chegar a este tempo, e verem o fim desta guerreira Varonil Mulher, pelas continuas oppressoens que havia dado a toda parte a gente Portugueza, e vassalos da coroa de Portugal, mas nem todos tem dita de ver quando dezeirão! [...] e se o bom Ladrão soube na ultima hora a sua vida roubar o Céu ao cabo de ter feito tantos Latrocinios, a esta Rainha se poderá chamar a boa ladroa, pois nos fins dos seus dias se preparou também para ser em o furto outro Dimas. Muito se poderá dizer e escrever do que esta valerosa Mulher e Rainha obrou discurso de tão prolongada vida, mas não há quem dê noticia de tudo se não de algumas couzas que nesta nossa historia vão relatadas assim no primeiro como neste segundo, que não teve pouco desvelo o Autor para as poder alcançar, e descrever aquellas que não passarão em seu tempo, que se entende o que em sua vida obrou, **sobrepujou á Semiramis, á Pantasileia, á Cleopatra, á famosa Judith, e á Artemiza**” (CADORNEGA, 1972, tomo II, capítulo II, parte III, p. 219, grifos meus).

Com isso, podemos inferir que o texto de Oliveira de Cadornega é permeado por contradições semânticas. Isso quer dizer que uma mesma linguagem política, uma mesma significação discursiva permite inúmeras formas de articulações. Seus conteúdos podem ser expostos com inúmeros propósitos, inclusive sendo contraditórios entre si (POCOCK, 2003, p. 20). Deste modo, destacamos que ao glorificar os “feitos” de Portugal, as batalhas vencidas, ou ainda na tentativa de neutralizar as deficiências administrativas e bélicas, como a demora na conquista e na “conversão das almas”, Oliveira de

Cadornega se utiliza de um mesmo personagem linguístico, a rainha *Ginga*, que permeia os discursos de exaltação a Portugal de forma contraditória, ora sendo enaltecida, ora desqualificada com uma adjetivação semelhante em ambos os casos, porém, com usos diferenciados. Segue trecho da obra, que concomitante traz o louvar à astúcia da rainha e sua figura como inimiga.

*[...] Acudindo daquela quartel a todas as occasioens de guerra que continuamente se offerecião com gentio que sempre buscavão modos e maneiras para se descomporem com a gente portugueza, induzidos e mandados por aquella **austucioza Raynha Ginga** nossa **Capital inimiga, que nunca cessava de buscar meyoys para nossa ruína**” (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. 61, grifos meus).*

As palavras “valor”, “valeroza”, assim como “pezaroza” aparecem de forma recorrente no texto. Observaremos a utilização desses termos para adjetivar a rainha *Ginga* quanto ao seu “valor costumaz”, ou sua tirania e desacato aos portugueses. Em consulta a dicionários que expõe a gramática e ortografia corrente também nos seiscentos, encontramos grafado os seguintes significados para essas palavras: “Valor”: esforço, ânimo, valentia, coragem, estima. “Valeroza(o)”, “valeroza (o)”: que tem forças, esforçado, animoso. Que tem valia, grande apreço. “Pezar”, “pezaroza(o)”: arrependimento, sentimento de desprazer²³

Se a rainha *Ginga* entravava os interesses de Portugal, como uma interpretação literalizada da obra HGGa poderia supor, porque da utilização de termos elogiosos, mesmo quando se intenta desprezá-la? A resposta para tal elucubração está, mais uma vez, nas indeterminações semânticas utilizadas por Oliveira de Cadornega. Estas possibilitam visibilizar as dinâmicas presentes nas relações entre africanos e europeus. Logo, como anteriormente já arguimos, a oscilação dessas adjetivações exprime uma alternância nessas relações, que mantinham e desfaziam acordos por vezes de modo escuso a vontade da coroa portuguesa. A *Ginga* como inimiga, em um

acordo de compra de peças poderia configurar-se como aliada. Observemos nas próximas citações a utilização desses termos e suas semantizações.

“Ficou este valeroso Rey que lhe chamavão e Rainha por ser Mulher pezarosa de se lhe haver mal logrado seu intento que entendeo daquela vez acabasse connosco, e nos tomassem os seus ás mãos vindos mandados daquela Senhora, que eles amavão e respeitava como a seu Deos” (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. 132, grifos meus).

“Chagados que forão ao seu Quilombo, tratou logo, eu distava perto, de entrar nos matos daquela Soba, a Rainha Ginga, pessoalmente acompanhada de seus amigos Flamengos, em que na sua invasão se defendia quelle Dembo com muito valor, experimentando o flamengo suas armas de fogo, e o rigor de suas agudas frechas, e arremeços e zagayas, em que alguns pagarão com as vidas; mas persistindo aquella belicosa Rainha com valor costumaz, depois de haver perdido em aquelles Matos muito dos seus, e aquella Soba lhe haverem também morto muita gente da sua, assim das Armas Flamengas, como com as muitas que a Rainha tinha em abundancia, veyo a entrar á força de Armas naquelles fortes e espeços Matos [...]” (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. 294, grifos meus).

O soldado-escritor move-se no texto utilizando os termos “valor”, “valeroza” e “pezaroza” conforme o sentido que pretende agregar a adjetivação. Um aliado da rainha *Ginga*, conhecido como *Ginga-Amona*, é também referenciado com os mesmos termos que a rainha²⁴. Por ocasião do falecimento de Dona Barbara, irmã da rainha *Ginga*, alguns cargos nos quilombos foram modificados. Os Capitães Macotas²⁵ elegeram Dom João Guterres Angola Canini, depondo Dom António *Ginga Amona* por governar tiranicamente. Não podendo suportar a rejeição, *Amona* separa-se do quilombo com seu séquito, iniciando um ciclo de assaltos e outros acometimentos quando encontrava Canini pelo caminho. Em outra ocasião, as virtudes de Dom Francisco, parente da rainha *Ginga*, com “*sangue real africano e convertido a Santa fé*”, que

busca o auxílio das armas portuguesas por rivalizar com Ginga-Amona quanto às disputas de cargos no quilombo da rainha Ginga, são adjetivadas com os mesmos termos que informam sobre Amona, exaltam Dom Francisco Canini e desqualificam a rainha.

“Eleito que foi no dito Reinado e Senhorios, vendo Ginga Amona se não podia conservar contra tão grosso numero que seguiu o povo eleito, se apartou com toda a gente da sua parcialidade e sequito, e com a de que era Senhor antes de ser Rey, para paragem e sitio apartado de onde começou a haver entre uns e outros, Recontros e Assaltos, e como era tão valerozo e guerreiro não podia levar em paciência verso desprovido daquelle mando e Reino que havia tido, e governado como seu por eleição dos Macotas e Capitaens principaes daquelle Quilombo” (CADORNEGA, 1972, tomo II, p. 255, grifos meus).

“Agora vendo o já homem e capaz de reinar, lembrando lhes aquella falla e habilitação da Rainha Ginga que aquelles Vassallos tanto amavão, e attendendo ser Dom Francisco daquelle Sangue Real, e que também dotado de partes que bem demonstravão a descendencia donde vinha, de grande animo e valor; instruido em pequeno nos costumes da nossa santa fé, havendo sido seu Mestre o Padre Frei João Antonio de Monte Caculo, Capuchinho e Missionário Apostolico, ainda que a respeito de seus Vassallos não uzava muito os exercicios de Christão” (CADORNEGA, 1972, tomo II, p. 355, grifos meus).

O vocábulo “valor” move-se mais uma vez, aparecendo como sinônimo de “força” e corroborando em alguma medida a interpretação literal dos dicionários anteriormente citados. Embora consideremos esses caracteres literalizados como modo de sopesar o significado desses termos em uma linguagem corrente, ao serem empregados por Oliveira de Cadornega são peculiarizados. Concebemos, com isto, que a indeterminação semântica de um termo não está diretamente em seu significado, mas na forma como é semantizado no texto e com os usos que o autor dela faz.

“Com este avizo abalou aquella Rainha Ginga com todo seu poder, eseveyo pôr á vista da nossa gente Portugueza, e mandou aos seus que com todo o valor investissem e lavassem ás mãos aquelles poucos Mundelles, que assim chamão aos Brancos; [...] a Rainha Ginga sempre de seu posto alentando a sua gente e mandando que nos entrassem; os nossos Portuguezes com tão continuas investidas, com sol que fervia, estando muitos mortos e quase todos feridos, não dar o sitio lugar a se verem huns aos outros por a formatura ser como dissemos em meia lua, e ferirão com algumas frechas ao Capitão mor” (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. 349, grifos meus).

“[...]O sacco que houve foi de muito valor, houve homem para que mos seus escravos tomarão muito boa prata, em que entravão castiças deste metal, hum lhe apanharão os seus negros huma frasqueira de prata que a Rainha Ginga havia mandado fazer a Loanda e lhe tinha custado muitas peças de escravos, e tinha muitos marcos de prata de pezo; as armas forão muitas em que encontrarão mui boas espingardas, muita quantide de fazendas e peças de seda inteiras e partidas de toda sorte: os Jagas que forão melhor aquinhoados, como quem tinha melhor conhecimento daquelle Quilombo, andavão vendendo pellos Portuguezes muitos anéis de ouro, alguns de preço, a troco de fazendas, porque elles não uzão destes adornos e Gayatarias” (CADORNEGA, 1972, tomo II, p. 421, grifos meus).

A Ginga que é valorada ou desqualificada, subtrai os déficits administrativos, as demoras em ganhar batalhas e adentrar ao interior, as dificuldades de conversão, e ainda os tantos acordos que por vezes eram realizados com escusa da coroa, tanto durante a União Ibérica, quanto após a Restauração. A astúcia e altivez da rainha inimiga seriam as causas desses males que afligiam Angola, que nem concebida dessa forma era, como dita o soldado em relação às sucessivas incursões de Ginga para desbaratar qualquer possibilidade de união fronteiriça (CADORNEGA, 1972, tomo I, p. 11).

Para tais averiguações, foi necessário estar atento para as redes simbólicas e materiais pelas quais se articulam e circulam, pública e socialmente, os enunciados de um texto, bem como para os modos como tensões e contradições históricas penetram nesses meios simbólicos, inscrevendo nos discursos as “pegadas” linguísticas de um contexto de enunciação (PALTI, 2009, p. 18). A plausibilidade na leitura de tais marcas reside no esforço em compreender *como* elas apontam e *o que* apontam, sendo necessário se despir das noções tradicionais referentes aos contextos de produção textual. Em suma, assim como o simbólico penetra no empírico, passando a ser uma construção sua, o contexto histórico penetra no plano discursivo constituindo uma dimensão inerente, que determina a lógica de sua articulação e, que também, pode deslocar-se (PALTI, 2009, p. 17).

Os quarenta anos de convivência em Angola, possivelmente não impediram que o soldado se esforçasse em manter um linguajar digno da corte portuguesa na adjetivação de uma rainha. Todos os termos que a ela se referem semanticamente, possuem um caráter duplo, de exaltação ou desqualificação, estando sempre atrelados às atividades portuguesas na África. A maximização dessa personagem, que vai ultrapassar oceanos e séculos, está na obra de Oliveira Cadornega diretamente ligada aos acontecimentos que envolvem Portugal.

Considerações finais

Nesse artigo realizamos uma análise textual da obra do Oliveira de Cadornega. Observamos que ao longo da *História Geral das Guerras Angolanas* (HGGA), Oliveira de Cadornega utiliza adjetivações como *altiva*, *ardilosa*, *imortal e estadista*, para delinear uma metaforização de Ginga ao compará-la com outras rainhas ou seres mitológicos, como Cleópatra, Pentesileia e Semíramis. Essas adjetivações conferem um sentido ao texto, pois produzem uma realidade textual quando mescladas com outras caracterizações, criando uma rainha inimiga de Portugal. Isso auxilia a justificar os insucessos bélicos portugueses, as

falhas administrativas, e os demorados conflitos que nunca traziam a conquista do território.

Ao observamos as adjetivações nos deparamos com semantizações ambíguas e, nesse trabalho, as analisamos em uma amostragem que contempla termos que consideramos chaves, definidores da compreensão do sentido que Cadornega atrela a sua obra, são eles: “valor”, “valorosa(o)”, “valerosa(o)”, “pezar” e “pezarosa(o)”. Essas expressões aparecem na obra de Cadornega através de indeterminações semânticas, visto que ora qualificam a rainha como inimiga, ora como aliada. Essa fissura é apreendida no texto por considerarmos a complexidade das relações entre africanos e europeus, principalmente o fazer e desfazer de alianças por parte da rainha Ginga.

Com isso, inferimos que há múltiplas “rainha Ginga” presentes no texto do soldado-escritor e passíveis de serem identificadas ao considerarmos os contextos de produção dos escritos de Cadornega. Esses contextos, ou experiências de escrita que atravessaram o autor e são oriundos dos, aproximadamente, dez anos que ele leva para escrever a obra HGGA, e possibilitaram a visibilização de fissuras, repetições, palavras chaves, tons e estilos, que observados exibem muito sobre como os conteúdos e personagens foram tecidos dentro da obra. Logo, pelas ambiguidades e contradições presentes no texto de Oliveira de Cadornega percebe-se as complexidades da história de Angola e, a rainha Ginga, certamente foi uma personagem principal tanto dentro, como fora da obra de Oliveira de Cadornega.

Notas

1 A opção de grafar o nome da rainha de Angola seiscentista como Ginga, e não Jinga, Njinga, Nzinga, etc., reside na escolha de um lugar epistemológico que respeita a grafia utilizada pela principal fonte desta pesquisa, ou a obra *História Geral das Guerras Angolanas*, de António de Oliveira de Cadornega. A autora reconhece, neste momento, a sua limitação para com a fala e escrita das línguas quimbundo e quicongo, línguas vigentes na região de Dongo e Matamba, onde a Ginga se fez soberana e, para além disso, este trabalho se calca em argumentos de africanistas como Alberto da Costa e Silva, que na obra *A Manilha e o Libambo* esmiúça

histórias sobre a rainha a grafando em português, uma escolha pedagógica, que reconhece as inúmeras grafias forjadas pelo “mundo ocidental” do colonizador, mas que prima pela escrita simples, que como ensina Costa e Silva, facilita a compreensão do leitor brasileiro.

2 HGGA sigla para *História Geral das Guerras Angolanas* de António de Oliveira de Cadornega.

3 Sobre a fundação da Casa dinástica dos Bragança o texto de Mafalda Soares da Cunha considera que “o processo de senhoriaização de Bragança por parte da casa ducal inscreve-se numa lógica de afirmação de poder que apresenta algumas semelhanças com outras grandes casas senhoriais portuguesas. Como ocorre com a maior parte das terras outorgadas nos séculos XV e XVI pela Coroa, a tomada de posse foi acompanhada pela imposição por parte dos novos titulares de marcas das suas casas e linhagens sobre o território. A forma podia variar, mas concretizava-se, na maioria das vezes, através da obtenção de privilégios específicos para as terras ou no enobrecimento das vilas e lugares por obras municipais e patrocínio a instituições locais”. In.: CUNHA, Mafalda Soares. *Bragança e a casa ducal: comunicação política e gestão senhorial, séculos XV-XVII*. Revista Monumentos 32: Lisboa, dez 2011.

4 Sobre as ofensivas holandesas a Portugal: BOXER, Charles. *O Império marítimo português. 1415-1825*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002; PARREIRA, Adriano. *Economia e sociedade em Angola na Época da Rainha Ginga*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989; BIRGMINGAN, David. *The portuguese conquests of Angola*. London: Oxford Univ. Press., 1965.

5 Para análises mais aprofundadas sobre o sentido da escrita de António de Cadornega em História Geral das Guerras Angolanas sugere-se ver: WEBER, Priscila Maria. *Angola como conceito: uma análise da obra História Geral das Guerras Angolanas de Oliveira de Cadornega (século XVII)*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do RS, 2018.

6 THORNTON, John. *Elite women in the kingdom of Kongo: historical perspectives on women's political power*. Journal of African History, 47 (2006).

7 MILLER, Joseph. *Nzinga of Matamba in a new perspective*. Journal of Afrincan History, 16, n 2, 1975.

8 PANTOJA, Selma. *Nzinga Mbandi: mulher, guerra e escravidão*. Brasília: Thesaurus, 2000.

9 SOUZA, Marina de Mello. *Além do Visível: Poder e catolicismo no Congo e em Angola (Séculos XVI e XVII)*. São Paulo: EDUSP, 2018.

10 SILVA, Alberto da Costa. *A manilha e o libambo. A África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 2002.

11 HEINTZE, Beatrix. *Angola nos séculos XVI e XVII. Estudos sobre fontes, métodos e história*. Luanda: Kilombelombe, 2007.

12 Há dois recentes trabalhos que podem ser consultados para mais informações sobre a rainha Ginga. São eles: PANTOJA, Selma. *Njinga a Mbande: Power and War in 17th-Century Angola*. Oxford Research Encyclopedia, African History, 2020 e FONSECA, Mariana Bracks. *Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2018.

13 Segundo Birmingham, é por volta do século XVI que parecem ter surgido as formas de parentesco Ngola. Sugerimos ver: BIRMINGHAM, David. *Central Africa from Cameroun to the Zambezy*, In. *The Cambridge History of Africa*. Cambridge University Press, 1977, v. III, p. 538.

14 A matrilinearidade comandava as sucessões de chefia com a descendência a cargo das linhagens femininas. Os reinos africanos dessa região (Centro Ocidental Litorânea) utilizavam para sucessão do trono quem estivesse apto por descendência, ou seja, por linhagens, onde a linha de filiação deveria considerar a descendência pelas mulheres como ancestral comum ou matrilinearidade. Para informações mais precisas: THORNTON, John. *Elite women in the kingdom of kongo: historical perspectives on women's political power*. Journal of African History, 2006, p. 437-60.

15 “Dizer algo frequentemente, ou até normalmente, produzirá certos efeitos ou consequências sobre os sentimentos, pensamentos, ou ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de pessoas. E isso pode ser feito com propósito, ou objetivo de produzir efeitos”. In. AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 89.

16 Vale a pena ler as considerações de Dayrell a respeito do mito de Penteseleia, “rainha das Amazonas”, ou daquelas que guerreavam para escravizar sexualmente os derrotados. DAYRELL, JOÃO. *A Mãe Natureza e o paterpotestas: breves considerações sobre Penteseleia, de Heinrich Von Kleist*. In. *Em tese – PPG Estudos literários UFMG*. V. 18, n. 3, 2012, p. 01-22.

Localizamos a tragédia traduzida para o português, onde se acessa a obra integralmente: KLEIST, Heinrich Von. *Penteseleia*. Trad. Jean Robert Weisshaupt e Roberto Machado.

Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/penteseleia_kleist.pdf>. Acesso em: 09. 07. 2013.

17 Encontramos referências sobre Semíramis em excertos bíblicos no qual apontam características semelhantes às elencadas por Oliveira de Cadornega: BIBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução: Centro Bíblico Católico. São Paulo, Ed. Ave Maria, 1982, Gênesis 10:8-12 e Gênesis 11:4.

18 No romance de Shakespeare intitulado “Cleópatra e António”, encontramos descrições que caracterizam a personagem como varonil. Não temos como mensurar

a circulação da referida obra, tampouco o acessar de Oliveira de Cadornega a mesma. Contudo, esse pode ser um indício do senso corrente relacionado à personagem. SHAKESPEARE, William. Antônio e Cleópatra. Porto: Lello, 1948, Cleópatra cena II e Antônio cena X.

“CLEÓPATRA: *Desapareça Roma e que apodreçam todas as línguas que de nós falarem. Tenho função nesta campanha, e como cabeça de meu reino hei de mostrar-me soldado de valor. Não me retruques; não ficarei atrás.*”

“CLEÓPATRA: *Dá-me o manto; coloca-me a coroa. Anseios imortais em mim se agitam. Nunca jamais há de molhar-me os lábios o líquido de nossa vinha egípcia. Vamos, Iras; depressa! Só parece que ouço Antônio chamar-me; levantar-se vejo-o e elogiar meu ato valoroso. Ouço como ele zomba da ventura de César, que aos mortais os deuses cedem para depois justificar sua cólera. Caro esposo, eis-me aqui! Minha coragem irá provar que faço jus ao título. Sou ar e fogo; os outros elementos cedo à vida inferior. Já concluíste? Então vem e recebe de meus lábios o calor derradeiro. Adeus, querida Charmian; Iras querida, um longo adeus. Tenho, acaso, nos lábios a serpente? Como! Caíste! Se te separaste da natureza assim tão gentilmente, é que o golpe da morte é como aperto de namorado, que machuca um pouco mas sempre é desejado. Estás tranquila? Se assim te foste, é porque ao mundo contas que digno ele não é de despedida.*” “ANTÔNIO: *Oh! três vezes mais nobre do que eu mesmo. Meu valente Eros, mostrame o que eu próprio, não tu, fazer devia. O gesto altivo de Eros e da rainha me fizeram despertar a nobreza.*”

Outro exemplo que masculiniza a personagem Cleópatra devido suas articulações políticas são as obras de Plutarco, com as biografias intituladas “*Vida de Júlio César*” e “*Vida de Marco Antônio*”. Apesar de escritas no século II, conforme argumentação de Balthazar, possivelmente foram acessadas por Shakespeare. BALTHAZAR, Gregory da Silva. *A(s) Cleópatra(s) de Plutarco: as Múltiplas Faces da Última Monarca do Antigo Egito nas Vidas Paralelas*. Curitiba, UFPR, 2013, p. 17.

19 O termo sentido é semantizado com os atributos que percebe dos fenômenos sociais: a pluralidade, o dinamismo e a propriedade de se constituir a cada situação de comunicação. Na perspectiva do sentido o que realmente importa é o processo e não a estrutura, contrariando, dessa forma, a lógica Saussuriana, que observa *significados* localizados nas estruturas, isolados e imobilizados pelo analista. ARAÚJO, Inesita. *A reconversão do olhar*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2000, p.120.

20 No caso dos Filipes, a casa da Áustria ascendeu ao trono português em decorrência da crise sucessória instaurada com o desaparecimento de Sebastião de Portugal na batalha de Alcácer-Quibir. Sem descendentes, e com a derrota do então considerado sucessor legítimo, seu tio-avô o Cardeal-Rei D. Henrique, Filipe II de Espanha acabou por ser reconhecido como rei de Portugal por ser o parente mais próximo nas Cortes de Tomar de 1581. Para informações mais detalhadas sugerimos a leitura de

BOXER, Charles. *O Império marítimo português. 1415-1825*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002, p. 144.

21 A Restauração da Independência de Portugal, ou simplesmente Restauração de Portugal, ocorre quando é dissolvida a União da Península Ibérica. Ou seja, a Casa dos Áustria, ou dos Habsburgo, correspondentes aos Filipes de Espanha perdem o poderio tanto em Portugal quanto nas colônias lusas, e o poder é retomado pela Casa dos Bragança. Para análises mais aprofundadas sugere-se ver: TORRALBA, L. R. Restauração e razão de estado. In. Penélope: fazer e desfazer da história. Lisboa: Cosmos, 1993, p. 163-164.

22 Encontramos referências a Dimas como um personagem bíblico. BIBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução: Centro Bíblico Católico. São Paulo, Ed. Ave Maria, 1982, Lucas 23:39.

23 BLUTEAU, R. Vocabulário português e latino, áulico, anatômico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, v. 6, p. 278, v. 8, p. 328. CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Novo dicionário crítico e etymologico da lingua portuguesa: compreendendo todos os vocábulos da lingua usual, dos quais muitos não se encontram em Bluteau e Moraes*. 7. ed. Paris: A.F. Carneiro Filho, 1859, p. 356, 578.

Os dicionários popularizaram-se com o advento da imprensa ainda no século XVI. Os primeiros dicionários eram glossários bilíngues latino-vernáculos. “*A interação dos diversos povos europeus motivou a produção de muitos dicionários bilíngues e até multilíngues para servir à comunicação de nações de culturas e línguas diferentes. Pouco a pouco, a hegemonia exercida pelo latim foi sendo substituída pela crescente valorização dos vernáculos, especialmente de origem latina.*” BIDERMAN, Maria Tereza. *Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade*. Alfa, São Paulo, 47(1): 5369, 2003, p. 54.

Ainda segundo Biderman, no mundo de língua portuguesa, apesar de várias obras lexicográficas de menor alcance nos séculos XVI e XVII, o primeiro dicionário realmente digno do nome é o do Padre Rafael Bluteau. Embora seja um dicionário bilíngue (português-latim), a parte relativa ao português é praticamente uma descrição do léxico daquela época, e também, uma possibilidade de aproximação com a grafia portuguesa de séculos anteriores, como o XVII.

24 O padre Antônio Cavazzi também descreve esse episódio com detalhes. In.: CAVAZZI, João Giovanni Antônio. *Descrição Histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: J.I.U. 1965, v. II, p. 90-92.

25 Makota significa o mais velho, homens velhos, conselheiros dos sobas.

Referências

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul: séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ARAÚJO, Inesita. **A reconversão do olhar**. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2000.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BALTHAZAR, Gregory da Silva. **A(s) Cleópatra(s) de Plutarco: as Múltiplas Faces da Última Monarca do Antigo Egito nas Vidas Paralelas**. Curitiba, UFPR, 2013.
- BIBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. São Paulo, Ed. Ave Maria, 1982, Gênesis 10:8-12 e Gênesis 11:4. Lucas 23:39.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Dicionários do português: da tradição a contemporaneidade. **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo: UNESP, n. 47, p. 53-69, 2003.
- BIRGMINGAN, David. **The Portuguese of Angola**. London: Oxford Univ. Press, 1965.
- BIRMINGHAM, David. Central Africa from Cameroun to the Zambezy, In: GRAY, Richard (Ed.). **The Cambridge History of Africa**. Cambridge University Press, 1977. p. 325-383.
- BLUTEAU, R. **Vocabulário portuguez e latino, áulico, anatômico, architectonico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- BOXER, Charles. **O Império marítimo português. 1415-1825**. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- CADORNEGA, António de Oliveira de. **História Geral das Guerras Angolanas**. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1972.
- CAVAZZI, João Giovanni Antônio. **Descrição Histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola**. Lisboa: J.I.U. 1965.
- CONSTÂNCIO, Francisco Solano. **Novo dicionário critico e etymologico da língua portugueza: compreendendo todos os vocábulos da lingua usual, dos quais muitos não se encontram em Bluteau e Moraes**. 7. ed. Paris: A.F. Carneiro Filho, 1859.
- CUNHA, Mafalda Soares. **Bragança e a casa ducal: comunicação política e gestão senhorial, séculos XV-XVII**. Revista Monumentos 32: Lisboa, dez 2011.
- DAYRELL, João. A Mãe Natureza e o paterpotestas: breves considerações sobre Penteseleia, de Heinrich Von Kleist. **Em Tese – PPG Estudos literários UFMG**. v. 18, n. 3, p. 66-87, 2012.
- DEMARET, Mathieu Mogo. Portugueses e africanos em Angola no século XVII: problemas de representação e de comunicação a partir da obra História Geral das Guerras Angolanas. **In: Representações de África e dos africanos na História e Cultura – Séculos XV a XXI**. Ponta Delgada: Centro de História do Além-mar, Universidade de Nova Lisboa, 2011.
- FONSECA, Mariana Bracks. **Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora**. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- HEINTZE, Beatrix. **Angola nos séculos XVI e XVII. Estudos sobre fontes, métodos e história. Luanda: Kilombelombe, 2007**.
- HEINTZE, Beatrix. A lusofonia no interior da África Central na era pré-colonial. Um contributo para a sua história e compreensão na actualidade. **Cadernos de Estudos Africanos**, 7/8, p. 179-207, 2005.
- HEINTZE, Beatrix. **Fontes para História de Angola do século XVII**. Cartas e documentos oficiais da colectania documental de Fernão de Souza (1624-1635). Stuttgart: Steiner-Vert. Wiesbaden, 1988.

- KLEIST, Heinrich Von. **Pentesiléia**. Trad. Jean Robert Weisshaupt e Roberto Machado. Disponível em: http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/pentesileia_kleist.pdf. Acesso em: 09 Jul. 2013.
- LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y ler textos. In: PALTÍ, Elias José (Org.). **Giro linguístico e História Intelectual**. Buenos Aires: Prometeu, 2011.
- MILLER, Joseph. Nzinga of Matamba in a new perspective. **Journal of Afrincan History**, v.16, n 2, 1975.
- PANTOJA, Selma. **Nzinga Mbandi**: mulher, guerra e escravidão. Brasília: Thesaurus, 2000.
- PALTÍ, Elias José. **El momento romântico**: Nación, Historia e lenguajes políticos em la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Eudeba, 2009.
- PANTOJA, Selma. **Njinga a Mbande**: Power and War in 17th-Century Angola. Oxford Research Encyclopedia, African History, 2020.
- PARREIRA, Adriano. **Economia e sociedade em Angola na Época da Rainha Jinga**. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.
- POCOCK, John Greville Agard. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- THORNTON, John. Elite women in the kingdom of Kongo: historical perspectives on women's political power. **Journal of African History**, v. 47, n. 3, p. 437-460, 2006.
- TORGAL, Luís Reis. Restauração e razão de estado. In: HESPANHA, António Manuel. **Penélope: fazer e desfazer da história**. Lisboa: Cosmos, 1993.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SILVA, Alberto da Costa. **A manilha e o libambo**. A África e a escravidão, de 1500 a 1700. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 2002.
- SHAKESPEARE, William. **Antônio e Cleópatra**. Porto: Lello, 1948, Cleópatra cena II e Antônio cena X.
- SOUZA, Marina de Mello. **Além do Visível**: Poder e catolicismo no Congo e em Angola (Séculos XVI e XVII). São Paulo: EDUSP, 2018.
- WEBER, Priscila Maria. **Angola como conceito**: uma análise da obra História Geral das Guerras Angolanas de Oliveira de Cadornega (século XVII). 2018. 366f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.